

# TRANSFORMAÇÕES NO CENÁRIO CIDADINO DO RIO GRANDE: O CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM MEADOS DO SÉCULO XX

JOSIANE ALVES DA SILVEIRA\*

## RESUMO

Este artigo visa contribuir com a ampliação das pesquisas sobre a cidade do Rio Grande no período de criação dos primeiros cursos superiores, entre 1950 e 1960. Para tanto, utiliza principalmente os informes do jornal *Rio Grande*, da década de 1960. Busca apoio teórico-metodológico nas fronteiras abertas pela História Cultural que propiciou a ampliação das pesquisas, incluindo a temática da cidade na História. Considera que pouco se escreveu sobre a história do Rio Grande, no período em estudo. Isso, sem dúvida, serviu como incentivo para que este trabalho fosse realizado no intuito de apresentar novas contribuições. Revela que os cursos superiores foram criados em um contexto de crise local, talvez como forma “compensatória”, oferecendo expectativas de transformação no cenário citadino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade. Rio Grande. Ensino Superior.

## ABSTRACT

This article aims to contribute with the expansion of research on the city of Rio Grande, RS, Brazil, at the time of the creation of the first university programs between 1950 and 1960. Mainly the *Rio Grande* newspaper's reports from the 1960s are used. Theoretical and methodological support is sought at the borders opened by Cultural History, which led to the research expansion, including the theme of the city in History. However, little has been written about the history of the Rio Grande of that time. This undoubtedly served as incentive for this study in order to bring up new contributions. In result, higher education programs are believed to have been created in the context of local crisis, perhaps as a “compensatory” way of offering transformation expectations for the city.

**KEYWORDS:** City. Rio Grande. Higher Education.

---

\* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e professora de História na rede estadual de ensino. E-mail: josidasilveira@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Este texto apresenta a pesquisa sobre a cidade do Rio Grande no contexto de criação dos primeiros cursos superiores, entre as décadas de 1950 e 1960. Privilegia-se a pesquisa ao jornal *Rio Grande*<sup>1</sup>, da década de 1960, buscando informações sobre a repercussão da criação dos cursos superiores na cidade.

Entre as primeiras instituições de ensino superior da cidade destacam-se: a Fundação Cidade do Rio Grande, primeiramente com a Escola de Engenharia Industrial; a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas; a Faculdade de Direito “Clóvis Beviláqua”; e a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande.<sup>2</sup> Sobre essas instituições, apresenta-se um breve histórico, revisando os estudos já recorrentes e cotejando com alguns anúncios de jornal.

Para análise do jornal, das suas informações e características, recorre-se a Luca (2005) que ressalta como analisar diferentes fontes impressas. Vale observar, por exemplo, as motivações que levaram à publicidade da informação, o destaque conferido à informação e o local da publicação, pois o peso do que consta na capa não é o mesmo do que fica nas páginas internas. Resume Luca (2005: 140):

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso **dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa**. Entretanto, ter sido publicado implica **atentar para o destaque conferido** ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias [...]. Em síntese, **os discursos adquirem significados de muitas formas**, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos **temas**, a linguagem e a **natureza do conteúdo** tampouco se dissociam do **público** que o jornal ou revista **pretende atingir**.

---

<sup>1</sup> Toda consulta ao jornal *Rio Grande* foi realizada no acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Destaca-se que, em todas as citações apresentadas neste trabalho, foi mantida a grafia original dos documentos utilizados.

<sup>2</sup> Estas instituições deram suporte para criação da Universidade do Rio Grande, em 1969, atualmente denominada Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Com o referencial de Luca (2005), portanto, verifica-se o que circulava no jornal sobre o ensino superior na cidade. Outro apoio teórico-metodológico da História Cultural vem de Barros (2007) que, no livro “Cidade e História”, enfatiza a temática da cidade como campo de pesquisa histórica, ajudando a decifrar a cidade como se decifra um texto. Para tanto, foi preciso cruzar informações e, nas palavras de Pesavento (2004, p.64), exercitar o “olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos”. Assim, buscase ampliar as informações sobre o estudo local em um período ainda pouco explorado.

## **OS PRIMEIROS CURSOS SUPERIORES NA CIDADE DO RIO GRANDE E A REPERCUSSÃO LOCAL**

Entre as décadas de 1950 e 1960, surgiram os primeiros cursos superiores na cidade do Rio Grande, embora as tentativas de criação de tais cursos tenham começado na primeira década do século XX.<sup>3</sup> Essa, porém, não foi apenas uma realidade local, pois “o ensino superior no Rio Grande do Sul surgiu tardiamente como aconteceu em todo o país”. (ROSSATO, 1995, p.35).

No mesmo período em que foram criados os primeiros cursos superiores em Rio Grande, observou-se a diminuição no ritmo de crescimento industrial local. As décadas de 1950 e 1960 “são emblemáticas do ponto de vista econômico e concomitantemente espacial para a cidade do Rio Grande, pois ocorre decadência fabril e ao mesmo tempo forte expansão urbana através de vários loteamentos e a criação de entidades de ensino superior”. (MARTINS, 2006, p.179).

Segundo Martins (2006), a desaceleração industrial da cidade culminou no fechamento de várias empresas, como as indústrias têxteis, os frigoríficos, a fábrica de charutos e outras, restando o parque industrial pesqueiro para salvar do desemprego parte da população antes empregada em outros setores, além da Refinaria de Petróleo Ipiranga.<sup>4</sup> O resultado foi uma crise local que levou à diminuição na oferta de trabalho.

---

<sup>3</sup> Conforme Cesar (2007: 79-80), em 1918 a imprensa rio-grandina revela que se articulava a criação da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia do Rio Grande. Porém, essa Faculdade foi arquivada devido ao pequeno número de alunos inscritos para o exame de admissão e a falta de financiamento da instituição.

<sup>4</sup> Entre as empresas que moviam a economia da cidade do Rio Grande e foram afetadas pela diminuição do mercado consumidor, após a Segunda Guerra Mundial,

Em janeiro de 1960, o jornal *Rio Grande* também não deixou de mencionar a crise local. Noticiou o fechamento da Cia. Swift, o anterior encerramento das atividades da Fábrica Cia. Fiação e Tecelagem Rio Grande, “outrora uma potência no parque industrial de nossa cidade”, e que “a fábrica de móveis Canuso dentro de mais alguns dias também fechará”. (RIO GRANDE, 4 jan.1960, n. 2, p. 1). Tudo isso em destaque na primeira página do jornal, o que indica sua relevância entre as outras notícias apresentadas no mesmo dia.

Em contrapartida, dois meses após noticiar a crise nas fábricas da cidade, outro informe do jornal *Rio Grande* mostrou-se mais otimista ao destacar que, apesar da crise, não havia motivo para desespero. Isso porque, conforme o texto de Helton Bartholomeu da Silva, a mocidade rio-grandina que passeava pela cidade, ostentando o chapéu de “bicho”, comprovava que “Rio Grande não é uma cidade decadente”. Sob o título “Chapéu de ‘BICHO’”, a última página do jornal ganhou destaque com o texto:

A qualquer hora que andemos pela <<CIDADE CONDENADA>>, vemos esquinas, portas de cinemas, de escolas e até de igrejas engalanadas por jovens, de ambos os sexos, ostentando bizarros chapéus confeccionados com capricho e extravagância, os quais indicam que seus portadores cursam o primeiro ano de uma faculdade ou de escola superior. São os <<Bichos>>. Sua presença é motivo de inocentes pilherias por parte de seus colegas veteranos, ou de maliciosas chacotas por parte dos ignorantes, que os há.

...

O fato é que para nós, profanos ao meio universitário, isto de andares com um chapéu de palha com beiras desfiadas, ou com outro cônico ornado de cornos laterais, semelhando o de um bárbaro germânico, significa muito mais. Quer estejais satisfeitos ou não com vosso distintivo de <<Bicho>>, dá-nos este aspecto exótico de vossa presença, a confortadora convicção de que o nosso Rio Grande de São Pedro está se tornando uma cidade com espírito (ou, como dirias meu amigo, essência) universitário.

Nem tudo está perdido, como vêdes, nosso Rio Grande não é a <<Cidade Condenada>>, como pareceu a nosso colega Rui Pratini, [...]. Se por um lado algumas de nossas indústrias e casas de comércio têm perecido, outras brotam diariamente e a cidade cresce,

---

destacam-se: o Frigorífico Swift que fechou em 1954; a Cia. Ítalo-Brasileira, em 1961; a Cia. de Charutos Poock, em 1966; e, a fábrica Rheingantz que diminuiu sua produção e, logo, foi vendida. Maiores informações em Martins (2006). Quanto à expansão horizontal da cidade, também destacada por Martins (2006), confirma-se informação no jornal *Rio Grande* (2 abr. 1960, n. 75, p. 2) sob o título “Loteamento”.

embora nosso povo ainda não tenha obtido o nível de vida que merece.

[...] Briosos calouros de hoje, que vosso chapéu de <<Bicho>> jamais os envergonhe, que sirva de atestado da vitória que obtivestes no exame vestibular, que sirva de atestado de que ainda se pode contar com nossa mocidade, que demonstre que Rio Grande não é uma cidade condenada [...] (RIO GRANDE, 29 mar.1960, n. 71, p. 8).

Percebe-se que, mesmo em um contexto de crise local, talvez como forma “compensatória”<sup>5</sup>, foram criados cursos superiores. Através desses cursos, pode-se dizer que a cidade reanimou, pois o “espírito universitário” da mocidade que carregava o chapéu de “bicho” atestava um futuro promissor para o Rio Grande. Nesse sentido, vale mencionar Barros (2007, p. 27) quando diz que a cidade é um lugar de trocas materiais e culturais, sendo “reelaborada permanentemente tanto pelos seus eternos construtores como pelos seus diversos habitantes”.

A história do ensino superior em Rio Grande começou com a Fundação Cidade do Rio Grande, entidade privada, criada em 1953, tendo como diretor o engenheiro Francisco Martins Bastos. Dela originou-se primeiramente a Escola de Engenharia Industrial<sup>6</sup> que, conforme Almeida (2004, p. 20), foi a “segunda escola de Engenharia no Estado do Rio Grande do Sul”<sup>7</sup> e a Faculdade de Medicina.

Em 1951, começou a ser articulada, por um grupo de engenheiros e outros profissionais renomados, a ideia de criar uma Escola de Engenharia na cidade. Conforme Altmayer (2003, p. 13): “A implantação de cursos superiores se fazia premente em Rio Grande, na medida em que havia falta de mão de obra especializada nos setores industrial e comercial, bem como de vagas para os alunos oriundos dos diversos cursos secundários do município”. Nesse sentido, alguns estudantes mobilizaram-se em

---

<sup>5</sup> Conforme Jantzen (1990: 7) e Amaral (2003: 77), as instituições educacionais criadas em Pelotas, como, por exemplo, as de ensino superior, também cumpriram uma importante função “compensatória” para a crise econômica que abalava a cidade, “a partir dos anos de 1930”. Tal crise teria sido minimizada pelas atividades culturais, proporcionadas pela criação de novas instituições educacionais.

<sup>6</sup> Maiores informações sobre a Escola de Engenharia Industrial em Teixeira (2013).

<sup>7</sup> A primeira Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul foi criada em Porto Alegre, em 1896. Maiores informações em Rossato (1995). Vale mencionar que entre os envolvidos na criação da Escola de Engenharia de Porto Alegre, bem como no corpo docente, constava o rio-grandino Juvenal Octaviano Miller, cuja história também esteve ligada à educação (MARTINS, 2002: 47).

passeata em prol do curso de Engenharia. Isso é o que se observa na capa do jornal *A União* (ago.1954, n.1, p.1), da União Rio-grandina de Estudantes Secundários, ilustrada com a passeata de estudantes que destacam: “A 20 de Setembro, fomos à rua confiantes e convictos de que não estávamos pedindo favores, mas sim cobrávamos uma dívida”. Veja a seguir:



FIGURA 1 – “Queremos Faculdade!” (A UNIÃO, ago.1954, n.1, p.1). Acervo do Instituto Estadual de Educação “Juvenal Miller”.

Referente à passeata apresentada na Figura 1, sobre a qual o mesmo jornal não acrescenta maiores informações, revela Cesar (2007, p. 168):

Em 20 de setembro, os estudantes agrupados na Ures promovem uma passeata cujo propósito é pressionar as autoridades e conquistar simpatias na comunidade para a criação da faculdade de engenharia. Desfilando pela rua Marechal Floriano, não mais que 60 pessoas levam algumas faixas e uma unidade móvel sonorizada, um Studebaker com um alto-falante metálico amarrado ao pára-choque, que amplifica palavras de ordem ditas por um estudante. Isso é a passeata, mas há bom público assistindo. É que os organizadores pegam uma carona no desfile dos gaúchos, promovido pelo CTG Mate Amargo, no mesmo dia, hora e local.

Junto a essa mobilização organizaram-se outros setores internos e externos da cidade. O funcionamento da Escola de Engenharia Industrial, em 1955, contou com a cooperação de empreendedores do comércio e das indústrias locais, além de auxílios nos planos municipal, estadual e federal.

Conforme Almeida (2004), em 1956, foram vinte e sete inscritos para as vinte vagas oferecidas pela Escola de Engenharia Industrial, sendo que apenas dez candidatos foram aprovados. Desses alunos, somente seis homens formaram-se na primeira turma.<sup>8</sup>

O orgulho dos rio-grandinos pelo primeiro curso superior da cidade foi evidenciado pela imprensa local. Tanto que o jornal *Rio Grande* (4 mar.1960, n. 51, p. 8) apresentou uma homenagem à Escola de Engenharia Industrial, “pioneira no Estado no setor da tecnologia industrial”, informando no mês de março a notícia de formatura da primeira turma que foi realizada apenas no final do ano de 1960.

No mês de maio do mesmo ano, o homenageado do jornal *Rio Grande* foi o engenheiro Francisco Martins Bastos. Ele teve direito a metade da primeira página do jornal, tendo em destaque o título grafado em letras maiúsculas “CONCEDIDO AO ENG. FRANCISCO MARTINS BASTOS O TÍTULO DE ‘CIDADÃO RIOGRANDINO’” e a sua foto ampliada do busto (RIO GRANDE, 2 maio 1960, n. 108, p. 1). Tal destaque demonstra a gratidão dos rio-grandinos pelos trabalhos prestados por esse engenheiro. Conforme a notícia do jornal, o projeto de lei do vereador Walter Chaves Troina foi aprovado por unanimidade, concedendo o título de “Cidadão Riograndino” ao “eng. Francisco Martins Bastos, que, filho de Uruguiana, vem dedicando, há cerca de 25 anos, todo o seu esforço ao desenvolvimento das empresas pioneiras da industrialização do petróleo, em nossa cidade” (RIO GRANDE, 2 maio 1960, n. 108, p. 1).

Ainda, sobre o trabalho do referido engenheiro foi escrito:

Atualmente, é o eng. Francisco Martins Bastos que, à frente da Fundação Cidade do Rio Grande, contagia, pelo seu esforço e dedicação, a todos os rio-grandinos que vêem o setor educacional de sua cidade em vias de equiparar-se aos grandes centros do Estado, com o prestígio grangeado, em cerca de cinco anos, pela Escola de Engenharia Industrial, prestes a diplomar a sua primeira turma (RIO GRANDE, 2 maio 1960, n.108, p.1).

---

<sup>8</sup> Na mesma solenidade de formatura, em dezembro de 1960, foi inaugurado o edifício-sede da Escola. Antes disso, as primeiras aulas eram ministradas nas instalações da Biblioteca Rio-Grandense, no centro da cidade.

Destaca-se que o reconhecimento da Escola de Engenharia Industrial contou com alguns obstáculos, devido ao contexto de desenvolvimento do ensino superior no Rio Grande do Sul.<sup>9</sup> O funcionamento da Escola de Engenharia Industrial foi permitido em 1955, sendo que a Escola foi reconhecida somente em 1959 (ALTMAYER, 2003, p. 28). Cabe ainda ressaltar outro momento marcante, o ano de 1961, quando a Escola foi federalizada.

Não há dúvidas de que a criação da Escola de Engenharia estimulou a criação de novos cursos superiores na cidade do Rio Grande e, mais do que isso, favoreceu uma vida social com maiores entretenimentos.<sup>10</sup> Os jovens passaram a se encontrar, por exemplo, nos bailes da cidade, promovidos pelos próprios acadêmicos da Engenharia. É o que informa o setor *Tic-Tac* do jornal *Rio Grande* (3 jun.1960, n.126, p.4) sob o título “Baile da Engenharia – sábado – Clube do Comércio”, organizado pelo Diretório Acadêmico. Segue o mesmo anúncio: “Quem será a Namorada da Engenharia? - Um júri escolherá entre as jovens presentes no Baile da Engenharia a ‘Namorada da Engenharia de 1960’”.<sup>11</sup>

Após o funcionamento da Escola de Engenharia, os anseios por novos cursos continuaram, pois a formação de engenheiros supria parte das necessidades locais. Com o apoio da Prefeitura Municipal, a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas foi criada, em 1955, e autorizada a funcionar, em 1958, tendo como primeiro diretor o professor Roberto Coimbra Edon. Para Nunes (2004, p.49), o período de três anos para a autorização do curso demonstrou as dificuldades da Faculdade em atender as exigências

---

<sup>9</sup> Sobre o aspecto da demanda dos cursos superiores no Rio Grande do Sul, Rossato (2005: 36-37) observa que, em 1950, as atenções para a concretização de cursos superiores estavam voltadas para Porto Alegre. Dessa forma, a expansão do ensino superior pelo interior do estado ocorreu lentamente, entre 1950 e 1960. Essa foi uma realidade comprovada na cidade do Rio Grande.

<sup>10</sup> O movimento estudantil depois da Escola de Engenharia também ficou registrado no setor *Tic-Tac* do jornal *Rio Grande* (mar.1961) que menciona as passeatas e os bailes dos “Bichos”, integrando os estudantes dos cursos superiores. Entre os interesses da “Parada dos Bichos” constam: “Tornar as escolas superiores conhecidas, difundir o espírito universitário entre a população, despertar o interesse dos estudantes para os vestibulares, propagar o nome da cidade do Rio Grande” (RIO GRANDE, 17 mar. 1961, n. 87, p. 1).

<sup>11</sup> Entre os bailes promovidos pelo Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia Industrial, cita-se também o que marcou a formatura da primeira turma de engenheiros, sendo anunciado pelo jornal *Rio Grande* (20 dez.1960, n.306, p.1) como “uma das maiores festas sociais do corrente ano”.

legais, de um corpo docente apropriado, de adequadas instalações<sup>12</sup> e de um acervo bibliográfico significativo.

No jornal *Rio Grande* (14 jan.1960, n.11, p.8) verifica-se como funcionava o concurso de habilitação da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, sendo constituído de várias etapas, com provas escritas e orais. Divulgando o resultado do concurso, o mesmo jornal noticia que “nos exames vestibulares realizados em primeira e segunda chamada foram aprovados os alunos Eugenio Lopes, Eurípedes Falcão Vieira, José Augusto Neves Nicola e Humberto G. Duadagnini” (RIO GRANDE, 5 mar.1960, n. 52, p. 1). Os quatro alunos aprovados demonstram o baixo índice de vestibulandos, talvez associado ao rigor nos exames.

Apesar de algumas dificuldades e da lenta formação de cursos superiores, seguindo o movimento de expansão pelo interior do estado, Rio Grande apresentava certa singularidade. Segundo Nunes (2004), enquanto na maioria dos municípios a expansão do ensino superior inspirou-se no modelo uspiano, em Rio Grande ocorreu à inversão desse modelo. Conforme o mesmo autor, a singularidade do Rio Grande “reside no fato de que o primeiro curso implantado foi o de Engenharia Industrial, seguido pelos cursos de Ciências Econômicas e Direito” (NUNES, 2004, p. 46-47). Os municípios que seguiam o modelo uspiano centravam-se na criação de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, voltados para a formação de professores.

Ainda sobre a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, é interessante ressaltar a atuação dos estudantes do curso de Economia no “reerguimento da cidade do Rio Grande”, em 1960. O jornal *Rio Grande* (26 jan.1960, n.47, p.2) salienta principalmente a influência social desses estudantes, entre os demais acadêmicos, noticiando:

Entre os jovens estudantes superiores de nossa terra que mais se tem destacado nesse anseio devemos incluir aqueles que cursam a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Eles estão na trincheira e suas atitudes demonstram que acompanham os sucessos diários da comuna riograndina com esplêndida acuidade e com a disposição de encontrar soluções para as inúmeras questões de vulto que assoberbam a outróra pacata e descuidada cidade que hoje enfrenta os percalços de um centralismo administrativo

---

<sup>12</sup> A Faculdade funcionou em dois prédios: primeiro na Escola de Belas Artes, de 1958 a 1962, e depois em um prédio na Rua Luiz Loréa, entre 1962 a 1972.

criminoso e a concorrência que outros centros criam na luta constante pelo progresso.

A atuação dos estudantes de Economia não deve passar despercebida das autoridades municipais nem das classes produtoras [...]. Quando os jovens desejam trabalhar, quando querem realizar uma tarefa produtiva, todos os meios lhes devem ser facultados e nunca é demais estimular essa geração onde muitas vocações poderão abortar quando não são devidamente compreendidas e amparadas.

Estudantes de Economia e, também, da Escola de Engenharia estão procurando colaborar no reerguimento da cidade do Rio Grande. Eles não pedem retribuição nem exigem glorificação, apenas anseiam por oportunidades e essas não devem ser negadas a uma mocidade sadia que só se preocupa com o adiantamento da sua terra e deseja pôr em prática a teoria que está ameahando nos bancos acadêmicos.

O jornal evidencia o seu apoio aos acadêmicos que estudavam na cidade. Até porque se apostava na nova geração que poderia contribuir com bons frutos para a cidade, reanimando o setor econômico, então em crise.

Seguindo a cronologia, as duas Faculdades consecutivas, criadas em Rio Grande, tiveram como entidade mantenedora a Mitra Diocesana de Pelotas. Primeiro foi criada a Faculdade de Direito “Clóvis Beviláqua”, em 1959, e depois a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande, em 1960.

Conforme Nunes (2004), na primeira metade da década de 1950, um grupo de rio-grandinos, acadêmicos da Faculdade de Direito de Pelotas, buscava forças para criar um centro de estudos jurídicos na cidade. Essa união de interesses contribuiu para a criação da Faculdade de Direito “Clóvis Beviláqua”. Essa instituição foi criada em 1959, começando suas atividades no ano seguinte, sob direção do professor Odenath Pereira Ferreira.<sup>13</sup>

Sobre a mesma Faculdade, três notícias foram articuladas no jornal *Rio Grande* (jan.-fev. 1960). A primeira notícia, a mais extensa, tem como título “Ensino Superior”. Ressalta o início do funcionamento da Faculdade de Direito, porém enfatiza que o “surto de estabelecimentos de ensino de grau superior teve começo com a Escola de Engenharia Industrial, hoje uma realidade conhecida em diversos centros e anualmente atraindo para a cidade estudantes de outras cidades”. (RIO GRANDE, 20 jan. 1960, n. 16, p. 2). O objetivo

---

<sup>13</sup> As atividades da referida Faculdade iniciaram nas dependências do Colégio São Francisco, no centro da cidade.

dessa informação, além de retomar a importância da Escola de Engenharia, foi de apontar a necessidade da criação de cursos, superiores e técnicos, pouco frequentes no Rio Grande do Sul que pudessem trazer para a cidade estudantes de outras regiões. Esse, porém, não era o caso da Faculdade de Direito, pois outras já existiam no estado.

A segunda notícia, intitulada “Autorizado o funcionamento da Faculdade de Direito”, foi mais sucinta, destacando: “O Presidente da República assinou decreto autorizando o funcionamento do curso de bacharelado da Faculdade de Direito Clovis Bevilacqua em nossa cidade”. Na sequência, conclui: “Assim sendo, já este ano funcionará o primeiro ano da Faculdade de Direito” (RIO GRANDE, 4 fev. 1960, n. 28, p. 8). Percebe-se que nenhum comentário foi articulado sobre a autorização de funcionamento da mesma Faculdade.

Já a terceira notícia foi apresentada alguns dias depois. O título “Oficializada a Faculdade de Direito Clóvis Beviláqua” é seguido por um pequeno texto que demonstra, apesar das ressalvas articuladas no mês de janeiro, a importância de tal empreendimento. É o que pode ser lido a seguir:

Pelo decreto nº 47.738 de 2 de fevereiro do corrente ano, que o Diário Oficial da União publicou a 8 do mesmo mês e que foi assinado pelos Srs. Drs. Juscelino Kubitschek e Clóvis Salgado, respectivamente Presidente da República e Ministro da Educação, foi autorizado o funcionamento do Curso de Bacharelado da Faculdade de Direito Clóvis Bevilacqua desta cidade de Rio Grande.

Está de parabéns, portanto, esta cidade, com a oficialidade de mais um estabelecimento de ensino superior, que aqui terá sede.

Muitos são os alunos inscritos, no exame vestibular, que, em breve se realizará, estando dependendo a data definitiva das autoridades competentes, pois devido à recente oficialização da Faculdade, há necessidade de uma prorrogação especial dos exames de habilitação, assim como a designação [sic] de um inspetor.

O grande batalhador da novel Faculdade é o Revmo. Antônio Zattera bispo diocesano, que não tem medido sacrifícios para levar avante tão grande iniciativa. (RIO GRANDE, 15 fev. 1960, n. 37, p. 8).

Ainda sobre a Faculdade de Direito, o jornal *Rio Grande* (25 mar. 1961, n. 94, p. 8) mencionou a colaboração dos calouros que realizariam um “trote” solidário, coletando donativos para ajudar,

entre outras instituições, o Educandário São Judas Tadeu.<sup>14</sup> E não só a imprensa rio-grandina apresentava informações sobre os cursos superiores. No *Diário Popular* de Pelotas, também foram encontradas informações sobre o ensino superior que abrangia a cidade vizinha do Rio Grande.<sup>15</sup> Através do setor “Notícias de Rio Grande” do *Diário Popular*, por exemplo, foi possível perceber a integração dos discentes dos cursos superiores existentes nesta cidade.

Os diretores acadêmicos das Faculdades de Direito, Economia e Engenharia levarão a efeito, no dia 1º de abril vindouro, a sua tradicional passeata, com início às 15,30 horas, da frente da Casa dos Estudantes até o Largo da Praça Xavier Ferreira. Os universitários, este ano, pretendem exibir críticas originais e dentro do elevado grau de cultura da classe e da gente da terra de Silva Paes. É, por isso, de se esperar um desfile cheio de humorismo e de respeito. (DIÁRIO POPULAR, 21 mar.1961, n. 64, p. 6).

A notícia do *Diário Popular* de Pelotas evidencia que, com apenas um ano de funcionamento, o curso de Direito já estava interagindo com outros cursos existentes na cidade do Rio Grande e, mais do que isso, com a comunidade rio-grandina.<sup>16</sup> Esse e outros informes apresentados nos jornais, tanto do Rio Grande como de Pelotas, ajudam a revelar um cotidiano citadino que talvez esteja se apagando na história da cidade ou, até mesmo, seja desconhecido por muitas gerações que não o vivenciaram.

Em 1965, com o Decreto n. 56.461 do Governo Federal, foi reconhecido o curso de Direito. No mesmo ano ocorreu a solenidade

---

<sup>14</sup>Outro informe, exclusivo, sobre a campanha dos calouros, pioneira na cidade, consta três dias depois no mesmo jornal (RIO GRANDE, 28 mar.1961, n. 96, p. 8).

<sup>15</sup> O inverso também foi verificado, ou seja, o jornal *Rio Grande* também destacava informações dos cursos superiores de Pelotas, como editais para concurso de habilitação e encontros entre os membros do ensino superior do Rio Grande e de Pelotas. Para exemplificar, cita-se o anúncio do *Rio Grande* (5 mar.1960, n. 52, p. 1) sobre o VI Encontro de Universidades Católicas, em Pelotas.

<sup>16</sup> O jornal *Rio Grande*, nos primeiros dias do mês de dezembro de 1960, também apresenta a integração dos cursos de Engenharia, Ciências Políticas e Econômicas e Direito, no esforço de inaugurar a 1ª Feira do Livro. Anos depois, em 1964, representantes dos mesmos cursos conquistam a oficialização da passeata dos calouros e concorrem a prêmios da Prefeitura Municipal “à Faculdade que apresentar a melhor crítica, o melhor carro ornamentado e, em terceiro àquele que, no conjunto, mais impressionar” (RIO GRANDE, 21 mar. 1964, n. 84, p. 1). Tais organizações possivelmente mobilizavam diferentes setores da cidade.

de colação de grau da primeira turma de bacharéis, com vinte e quatro formandos.

Em 1960, apoiando-se nas reivindicações dos rio-grandinos, a Mitra Diocesana de Pelotas ampliou a sua atuação sobre o ensino superior, criando a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande.<sup>17</sup> Em 1961, passou a funcionar com dois cursos iniciais, de Filosofia e Pedagogia, tendo como diretor o advogado Hugo Dantas Silveira.<sup>18</sup> Anos depois, em 1964, formou as duas primeiras turmas com um público essencialmente feminino, sendo constituído de doze mulheres e um homem no curso de Filosofia e sete mulheres no curso de Pedagogia.

Sobre a mobilização do corpo discente da Faculdade de Filosofia, vale mencionar algumas atividades realizadas pelo “Centro Acadêmico Padre Luiz de Carvalho”, organizado em 22 de abril de 1961, depois nomeado “Diretório Acadêmico Padre Luiz de Carvalho”. Buscando demonstrar eficiência, “sua presença tem-se feito sentir, não só no meio universitário local, como também na comunidade e fora dela, através de manifestações esportivas, culturais, artísticas, sociais e assistenciais” (UCPEL, 1967).

Entre as atividades que constam no relatório do Diretório Acadêmico destacam-se as relacionadas com os calouros da Faculdade de Filosofia; as atividades esportivas que integravam outros cursos superiores da cidade e fora dela; a promoção de encontros com membros de diferentes instituições; a representação dos discentes em eventos sociais e assistenciais da cidade; e a edição do jornal *A coruja*. Neste impresso, observam-se todas as atividades mencionadas, sendo articuladas pelos discentes, porém só foram localizados quatro exemplares. Infelizmente, a não conservação dos documentos apagam parte da história dessa instituição que, assim como as demais, reanimou a cidade do Rio Grande a partir de meados do século XX.

Conforme Meirelles (2004: 123), em 1965, a Fundação Cidade do Rio Grande começou a angariar novos recursos para a criação da Faculdade de Medicina. Foram dois anos de desafios, até

---

<sup>17</sup> Sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande ver Alves (2004a; 2004b) e Silveira (2012).

<sup>18</sup> As aulas da referida Faculdade funcionaram, de 1961 a 1967, no prédio cedido pela Escola Normal “Santa Joana D’Arc”, no centro da cidade. Com a ampliação dos cursos, as aulas passaram a funcionar no prédio do Instituto de Educação “Juvenal Miller”, de 1967 a 1972. Por fim, no período de cedência para a Universidade, as aulas funcionaram no Instituto de Educação “Juvenal Miller” e no Grupo Escolar “Helena Small”, de 1969 a 1972, ambas localizadas no centro da cidade.

que, em 1966, foi autorizado o funcionamento dessa Faculdade. No entanto, ela foi reconhecida, pelo Conselho Federal de Educação, somente em 1971. No mesmo ano, ocorreu a formatura da primeira turma de Medicina, contando com vinte e oito formandos.<sup>19</sup>

Assim, em meados de 1960, Rio Grande totalizava cinco cursos superiores, com diferentes entidades mantenedoras. A partir de então começava um novo desafio, aprovado por diferentes setores da sociedade rio-grandina, a implantação de uma Universidade local. Tal objetivo foi conquistado em 1969, quando foi fundada a Universidade do Rio Grande, sendo o primeiro reitor o professor Adolpho Gundlach Pradel. Para tanto, ressalta Altmayer (2003, p. 53):

Devido à exigência do MEC da necessidade de no mínimo quatro faculdades para que pudesse ser criada a universidade, esta somente tornou-se realidade a partir da cessão por parte da Prefeitura Municipal do Rio Grande e da Mitra Diocesana de Pelotas das Faculdades das quais eram mantenedoras.

Segundo Poersch (1991, p. 64), o bispo de Pelotas aprovou a autonomia das Faculdades do Rio Grande, mantidas pela Mitra Diocesana de Pelotas, pois “todas as partes saíam lucrando”. Em outro momento, destacou o autor: “com este gesto, a UCPel sentiu-se honrada em haver contribuído com o melhor de suas parcelas para o surgimento de uma nova florescente Universidade na cidade vizinha de Rio Grande” (POERSCH, 1991, p. 65).<sup>20</sup> Isso porque a Mitra Diocesana de Pelotas contribuiu com duas Faculdades, a de Direito e a de Filosofia, sendo que somente nesta última foram criados seis cursos, entre os anos de 1960 e 1967.

Em 1967, o jornal *Rio Grande* (31 out.1967, n. 269, p. 1) articulava as intenções de criação da Universidade. Em novembro do mesmo ano, enfatizou: “Ministro poderá trazer a <<grande notícia>> dentro de um mês” (RIO GRANDE, 25 nov.1967, n. 294, p.1 e 7) e, no mês seguinte, apresentou anúncios consecutivos sobre a visita de Tarso Dutra, Ministro da Educação e Cultura, que era favorável à criação da Universidade do Rio Grande. Segundo informes, o ministro chegaria no dia 23 de dezembro, pela tarde,

---

<sup>19</sup> Sobre o “Vestibular Único” realizado, em Porto Alegre, pela primeira turma de candidatas à Faculdade de Medicina do Rio Grande ver o jornal *Rio Grande* (25 nov. 1967, n. 294, p. 2 e 12).

<sup>20</sup> Fato que não ocorreu em Pelotas, onde foi instituída a UCPel, em 1960, e a UFPel, em 1969. Tal fato resultou da acirrada disputa entre lideranças que defendiam o ensino laico e o ensino católico. Sobre o assunto ver Amaral (2003).

para presidir a colação de grau dos Economistas de 1967, como paraninfo (RIO GRANDE, 23 dez. 1967, n. 19, p. 1).

Depois de alguns anos, continuavam os rumores de criação da Universidade, mas o fato demorou a se concretizar. Nas publicações do jornal *Rio Grande*, do mês de agosto de 1969, o assunto do momento era a criação da Universidade. No dia 1º de agosto começaram a proliferar as notícias e rumores da criação, até que, no dia 19, o jornal expressou: “Confirmada a criação da Universidade de Rio Grande e conhecido o seu Reitor” (RIO GRANDE, 19 ago.1969, n. 106, p. 1); como resultado, o “povo na rua para manifestar regozijo”, sendo que a “iniciativa partiu dos estudantes de escolas de nível superior” (RIO GRANDE, 21 ago.1969, n. 219, p. 1), e assim seguiram as informações até o último dia do mês.

Esse e outros informes do jornal *Rio Grande* caracterizam a inevitável associação, destacada por Barros (2007), entre cidade e cultura. Chega um momento em que a cidade torna-se também um “lugar de ensino”, de trocas culturais. Nasce, então, a “[...] necessidade de ensinar a alguns dos cidadãos uma série de ofícios especializados [...]. Com isso, a cidade tornar-se-á o ‘lugar do ensino’, e mais tarde o lugar das academias e das universidades” (BARROS, 2007, p. 82-83). Com a cidade do Rio Grande não ocorreu diferente, assim como algumas cidades do interior foi, aos poucos, expandindo os seus cursos superiores até que conseguiu conquistar uma Universidade. É o que enfatiza, por exemplo, o jornal *Rio Grande* sob o título “Espírito Universitário”:

Registra-se o nascimento de um espírito universitário em Rio Grande. Os jovens estudantes das nossas faculdades não se contentam em viver aprisionados pelas paredes do estabelecimento educacional e ganham a rua, procurando discutir os problemas do momento, examinando as deficiências locais e colocando-as na conjuntura nacional e até mesmo internacional. E isso é um bom sinal! Evidencia vida, ação, disposição de luta, propósito de superar as naturais limitações da província num anseio elogiável de universalismo.

...

O desempenho dessa nova geração de rio-grandinos que hoje cursa as escolas superiores de nossa terra pode e deve ser decisivo para o futuro da Noiva do Mar. Não podemos, portanto, desperdiçar energias nem bloquear o rumo das vocações universitárias, mas é obrigação de todos nós facultar a esses jovens os recursos possíveis para que se

integrem no ambiente onde vivem e produzam benefícios para a comunidade (RIO GRANDE, 26 jan. 1960, n. 47, p. 2).

Esse último informe, enfim, exemplifica o quanto os estudantes das faculdades que seguiram o caminho de integração à Universidade do Rio Grande apontavam expectativas positivas para o futuro da cidade universitária. Apostava-se nos “jovens estudantes das nossas faculdades” como figuras decisivas “para o futuro da Noiva do Mar”. Nesse sentido, cabem novamente as palavras de Barros (2007, p.27) ao associar a cidade a uma “obra de arte coletiva”, reelaborada constantemente pelos seus habitantes. No caso do Rio Grande, coube aos jovens estudantes dar vida à cidade, redesenhando as linhas que expressariam o futuro promissor da cidade universitária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada principalmente por meio do jornal *Rio Grande* ajudou a desvelar o quanto a criação dos cursos superiores, entre as décadas de 1950 e 1960, ajudou Rio Grande a vislumbrar uma nova saída para a crise que abatia a cidade. A efervescência industrial deu lugar à efervescência estudantil, entre as décadas citadas. Os estudantes mobilizaram o meio social e cultural, através de suas reuniões, passeatas, “parada dos bichos”, bailes e ações em prol da comunidade rio-grandina. Constatou-se que, mesmo em um contexto de crise local, talvez como forma “compensatória”, foram criados cursos superiores que reanimaram a cidade, pois o “espírito universitário” da mocidade atestava um futuro promissor para o Rio Grande.

Comprova-se que a cidade do Rio Grande, como qualquer outra, não tem uma forma estática, mas uma forma em constante remodelação. Apresenta-se como um local de trocas, um “espetáculo” produzido coletivamente, que vale ser examinado como campo de pesquisa histórica.

Enfim, com este trabalho, espera-se haver contribuído com novo estudo no âmbito local, rememorando os primeiros cursos superiores do Rio Grande. Salienta-se que, no jornal *Rio Grande*, da década de 1960, outros informes continuam demonstrando a mobilização dos estudantes de nível superior dentro e fora das instituições educacionais. Nesse sentido, fica o convite para que novas pesquisas ultrapassem os limites do presente trabalho, explorando fontes e temáticas diversas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cleuza Ivety Ribes de. Engenharias e ciências exatas. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Fundação Universidade Federal do Rio Grande: 35 anos a serviço da comunidade*. Rio Grande: FURG, 2004, p.13-37.
- ALTMAYER, Flávia de Lima. *Fundação Cidade do Rio Grande – 50 anos: uma história de realizações*. Rio Grande: FURG, 2003.
- ALVES, Francisco das Neves. Ciências Humanas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Fundação Universidade Federal do Rio Grande: 35 anos a serviço da comunidade*. Rio Grande: FURG, 2004a, p.71-94.
- \_\_\_\_\_. A gênese do ensino superior na área de ciências humanas na cidade do Rio Grande: a Faculdade Católica de Filosofia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS HISTÓRICOS: História Regional. *Anais...* Rio Grande: FURG, 2004b. p.167-180.
- AMARAL, Giana Lange do. *Gatos pelados x galinhas gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960)*. 2003. 338f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CESAR, Willy. *Centenário do Colégio Lemos Jr.*: Rio Grande. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2007.
- JANTZEN, Sylvio Arnoldo Dick. *A Ilustre Pelotense: tradição e modernidade em conflito: um estudo histórico da Universidade Federal de Pelotas e suas tentativas de racionalização*. 1990. 332f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-154.
- MARTINS, Gil Barlem. *Juvenal Octaviano Miller: uma carreira política até hoje não igualada por qualquer conterrâneo seu*. Rio Grande: [s.n], 2002.
- MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: FURG, 2006.
- MEIRELLES, Aída Luz Borthery. Ciências da saúde. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Fundação Universidade Federal do Rio Grande: 35 anos a serviço da comunidade*. Rio Grande: FURG, 2004, p.117-160.
- NUNES, Claudio Omar Iahnke. Ciências sociais aplicadas. In: ALVES, Francisco das Neves (Org.). *Fundação Universidade Federal do Rio Grande: 35 anos a serviço da comunidade*. Rio Grande: FURG, 2004, p.39-63.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- POERSCH, Léo. *Universidade Católica de Pelotas: 30 anos*. Pelotas: EDUCAT, 1991.
- ROSSATO, Ricardo. *Universidade: nove séculos de história*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005.
- \_\_\_\_\_, MAGDALENA, Beatriz Corso. *Universidades Gaúchas: impasses e alternativas (O Ensino Superior no Rio Grande do Sul)*. Santa Maria: Palloti, 1995.

SILVEIRA, Josiane Alves da. *Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande: os primeiros anos da formação docente no ensino superior da cidade (1960-1969)*. 2012. 182f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. *Escola de Engenharia Industrial: a gênese do ensino superior na cidade do Rio Grande (1953-1961)*. 2013. 232f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

## **FONTES DE PESQUISA**

*A UNIÃO*. Rio Grande, ago.1954.

*DIÁRIO POPULAR*. Pelotas, mar.1961.

*RIO GRANDE*. Rio Grande, jan.-jun./dez.1960, mar.1961, 21 mar.1964, 31 out.-dez.1967, ago.1969.

UCPEL. Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande. *Relatório de atividades discentes do Diretório Acadêmico Padre Luiz de Carvalho*, 1967.